

# Dia internacional da coragem

**Mal treinado e sob condições precárias, professor persevera**

Hoje, Dia Internacional do Professor, não há muito o que comemorar. De acordo com estatísticas, um terço dos 50 milhões de educadores em todo o mundo não possui educação formal qualificada e outro terço não recebeu treinamento adequado. Mas se a data não é digna de comemorações, as homenagens se fazem obrigatórias. Foi esse o intuito da Unesco, organização da ONU para a Educação e a Cultura, quando editou o livro *Portraits in courage* (*Retratos de coragem*). O livro é uma homenagem à obstinação de professores e professoras que, ao redor do mundo, com melhores ou piores condições de trabalho, fazem de tudo para exercer da melhor forma sua função: a de educar.

O livro, contando histórias de profissionais da educação em dez países, tenta mostrar que há algo em comum entre os professores mesmo em condições tão diversas. A coragem e o compromisso com a profissão os faz colocá-la acima de tudo.

Algumas das histórias impressionam. Thea Uwinbabazi, que leciona



Reprodução

*Ali Diallo: exemplo de dedicação*

em uma escola de Ruanda, na África, diz que o sistema de transportes é um de seus maiores problemas. "Tenho que acordar às quatro e meia da manhã, para poder chegar na escola às sete e meia." Além disso, Thea fica o dia inteiro sem almoço, pois na escola não existe sequer uma cantina. Material escolar é tão escasso quanto dinheiro no fim do mês.

Entre seus alunos, 80% são órfãos que perderam os pais no genocídio de 1994. Nessas condições, diz Thea, é muito difícil aprender alguma coisa. A despeito de tudo isso, ela afirma que está "100% feliz como professora porque a educação é a base para qualquer outra profissão. Todos os políticos, artistas, cientistas e técnicos só puderam fazer o que fizeram graças à educação que receberam".

**Trabalho pesado** – Esse orgulho do ofício faz com que as dificuldades se transformem em mais motivação. Na aldeia de Petelkole, na Nigéria, onde Hama Ali Diallo leciona, a escola, com apenas uma sala de aula, não tinha condições adequadas para receber os alunos. O que fez o professor? Tratou ele mesmo de construir uma nova sala. "Não tenho medo de trabalho pesado. Então, comecei a organizar as coisas. Primeiro, fui procurar os pais das crianças nas diferentes vilas onde moravam. Depois, construí mais uma sala – uma cabana de palha – com a ajuda das crianças", explica Ali Diallo. Hoje, a média de freqüência em Petelkole é de 53%, muito superior à média de 20% da Nigéria.

Os problemas não são exclusividade dos países do Terceiro Mundo. A professora Elizabeth González, de uma es-

cola do Bronx, Nova Iorque, reclama que tem que tomar muitas precauções em relação à insegurança da área. O clima de medo é tamanho que alguns de seus colegas de trabalho chegam a trancar a porta das salas de aula.

A professora Vera Lazarotto representa o Brasil no livro. Vera chegou à região de Novos Alagados, na Bahia, em 1977, disposta a desenvolver um trabalho de ensino adaptado às necessidades da comunidade e "terminar com o preconceito de que os pobres não podem ter capacidade acadêmica". Hoje, pode-se dizer que foi bem sucedida. Mais ou menos mil crianças freqüentam o complexo educacional de três escolas, todas administradas pela própria comunidade. Mas nem tudo são flores. A falta de dinheiro é um problema constante. "Vai ser difícil continuar esse trabalho", lamenta Vera. "Passo todo o meu tempo indo a ministérios, prefeituras, me encontrando com autoridades..."

Casos parecidos com o de Vera aparecem em todo o livro. Histórias onde a única coisa que move o trabalho dos professores é a satisfação de vê-lo representado no desenvolvimento de uma criança. Como francesa Chantal Collin, cujo maior prazer é ouvir da boca de uma criança a frase: "Agora entendi!"